DIÁRIOS DE QUARENTENA #9

Agulha e Linha para Costurar

Lisiane Forte

A marca da falta

Do rastro dos que passam,
ler as marcas que se inscrevem.
Das limitações temporais que não resistem às brevidades,
saber dos enigmas que nos atravessam.
Dos enodamentos que persistem,
compreender que possamos nos esquecer,
e que os nós lembram de nós.

Agulha e linha para costurar

A “vida só é possível reinventada”, esse é um dos fragmentos do poema ‘Reinvenção’ da escritora Cecília Meireles.

E é, também, uma espécie de mantra para mim,
desde que conheci a literatura brasileira feita por mulheres.

Costurei essa frase aos pés - assim como pediu Peter Pan a Wendy, amedrontado, em um dos muitos encontros que teve ao adentrar a janela dos “meninos perdidos” - num “mundo que deixou para trás”.

Ao longo dos que todos chamavam de quarentena, eu vivia o “meu processo pandêmico”.

Lembro, também, de um filme chamado “Manchester à beira-mar”, que assisti bem antes de ter sido decretado o distanciamento social no Brasil.

O filme retrata, de forma real e feroz, os processos de luto x melancolia de um dos protagonistas.

Costurei essa dramática aos pés também.

Precisei, nesse tempo, criar uma colcha de retalhos, a fim de me proteger do frio, então usei agulha e linha, como a Wendy, da história do garoto que não queria crescer, mas que não podia voltar para a “Terra do Nunca” sem levar a sua sombra.

Essas costuras todas
me convidaram a balançar os pesos,
pois o tempo já batia à porta

e não era de agora.

A dor encontrou o meu passado engavetado, como os mortos no cemitério, mas também debulhou as minhas tantas projeções no futuro - invisíveis e letais, como o vírus do covid-19.

Deixei entrar na minha casa, pela porta da frente,
todos os pesos que pude carregar nas costas,
durante esses dias.

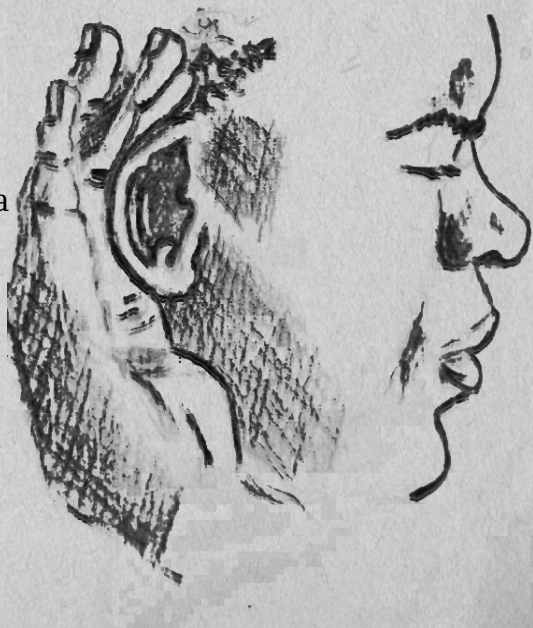
Mas, desde quando não faço isso?

Se "a vida é traição, agitação feroz e sem finalidade", como li em um dos escritos de Manuel Bandeira,
só posso saudar a matéria que se passará, pois a alma um dia estará liberta desses pesos todos.

Eu bem sei que esse corpo se vai
e merece respeito diante da vida.

Isso eu sei,
mas sinto muito
e sinto tanto.

Nesse processo pandêmico da vida, que veio mostrar a face de minha própria morte tão certa, assim de perto

como numa sombra que percebemos,
como uma entidade,
que perambula por todas as

paredes da casa;
como nos grunhidos dos recém-nascidos ao dormirem,
já cansados de tanto mamar -

vimos vidas ceifadas e banalizadas por tantos de nós,
seres dessa terra
que é nossa e de todos os nossos mortos, também,
amém.

LISIANE FORTE é psicóloga, especialista em Gestão Estratégica de Pessoas pela Universidade de São Paulo (USP). Escritora cearense, autora do livro 'Liames', e de diversas antologias poéticas e de artigos científcos em sua área de atuação 'Psicologia e Arte'. Atua há 18 anos na área de condução de grupos, é idealizadora do grupo 'COM TATO - Ateliê de Mulheres', onde, na clínica social, aborda junto às participantes as temáticas contemporâneas do feminino.

E-mail: lisiforte@hotmail.com
Instagram: @lisianeforte

Capa
Lisiane Forte

Ilustrações & Fotografias
Lisiane Forte

Curadoria
Taciana Oliveira

Diagramação
Rebeca Gadelha

Texturas Utilizadas
PaperMarionett.deviantart.com